

**VARIAÇÃO SINTÁTICA EM
PORTUGAL E A FRONTEIRA
COM A GALIZA**

Sílvia Afonso Pereira

Centro de Linguística da Universidade de
Lisboa

1. INTRODUÇÃO

Ainda que tradicionalmente a sintaxe tenha estado ausente dos projetos de Geografia Linguística, temos vindo a assistir, nos últimos anos, a um aumento do interesse pelo estudo da variação sintática. Esse interesse deve-se ao facto de a investigação desenvolvida nas últimas décadas no domínio da teoria sintática ter definido como objetivo central a busca por princípios universais e capazes de, simultaneamente, definir os limites e contornos da variação.

Como consequência, a sintaxe dialetal tem vindo a assumir-se como uma área de estudo relevante (tanto para a dialetologia como para a sintaxe), e vários projetos dedicados ao estudo da variação sintática começaram a surgir, de âmbito nacional (*Syntactic Atlas of Northern Italy*, *Syntactic Atlas of the Dutch Dialects*) ou internacional (*Scandinavian Dialect Syntax*, *Edisyn – European Dialect Syntax*) – Barbiere e Bennis (2007) –, representando consideráveis avanços no conhecimento dos dialetos e da variação em sintaxe¹.

Em Portugal, a criação do *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN) é prova desse esforço, e a sua exploração tem-se revelado importante para os avanços da investigação neste domínio. Por um lado, os dados do *corpus* têm permitido identificar aspetos morfossintáticos de variedades não-padrão do português que até então eram desconhecidos. Por outro lado, tem sido possível verificar que vários desses fenómenos dialetais se circunscrevem a áreas geográficas muito específicas, sendo possível identificar áreas sintáticas no território português².

Num primeiro momento deste estudo, apresento um conjunto de construções não-padrão já estudadas e que permitiram começar a esboçar áreas sintáticas no território português. Posteriormente, debruço-me sobre novos dados identificados no CORDIAL-SIN. O objetivo é focar-me na apresentação de estruturas

¹ Wiki on dialectal syntax (<http://www.dialectsyntax.org>).

² Entre outros, Pereira (2003), Carrilho e Pereira (2011), Lobo (2008) e Pereira (em preparação e 2013).

identificadas em localidades junto à fronteira com a Galiza, com o intuito de mostrar que é possível, na maioria dos casos, relacioná-las com estruturas similares do galego e isolar, inclusivamente, áreas sintáticas galego-portuguesas, que ultrapassam, portanto, a barreira da fronteira política.

2. O *CORPUS*: CORDIAL-SIN

As dificuldades metodológicas e conceptuais associadas ao estudo da sintaxe dialetal são bastante reconhecidas³, tendo sido esse, aliás, o principal motivo da ausência de referências à sintaxe nos trabalhos sobre variação geolinguística. Problemas conceptuais relacionados com a dificuldade de definir o que é variável em sintaxe, e dificuldades empírico-metodológicas decorrentes da dificuldade de identificar essas variáveis, têm gerado discussões que sublinham a necessidade de novos métodos para a obtenção de dados⁴.

Nesse sentido, importa destacar a pertinência da base empírica dos estudos apresentados neste trabalho: o conjunto de dados reunidos no CORDIAL-SIN. Trata-se de um *corpus* dialetal anotado, com 600 000 palavras, composto por transcrições de excertos de fala espontânea ou semi-dirigida.

Os textos orais que compõem o CORDIAL são provenientes de 42 localidades ou microrregiões no território português continental e insular, pelo que se trata de um *corpus* geograficamente representativo. É também sociolinguisticamente homogéneo, dado que o perfil dos informantes é idêntico: os falantes são, por norma, naturais das localidades rurais inquiridas, aí residentes, idosos e pouco escolarizados (ou analfabetos).

3. ÁREAS SINTÁTICAS EM PORTUGAL

A criação do CORDIAL-SIN permitiu a realização de uma série de trabalhos pioneiros no domínio da sintaxe dialetal portuguesa que identificaram várias construções não-padrão e as associaram, em vários casos, a áreas dialetais bastante específicas. É o caso da construção *a gente* + V3PL (Pereira 2003), de *ter* existencial,

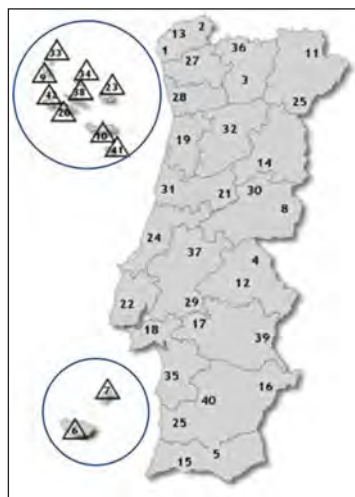
³ Veja-se, por exemplo, Barbiere (2008) e Cornips e Poletto (2005).

⁴ É frequentemente apontado o facto de o método clássico de obtenção de dados usado nos inquéritos dialetais ser desadequado ao estudo da sintaxe, por ser difícil, através de entrevistas baseadas em questionários, identificar e reunir construções sintáticas específicas.

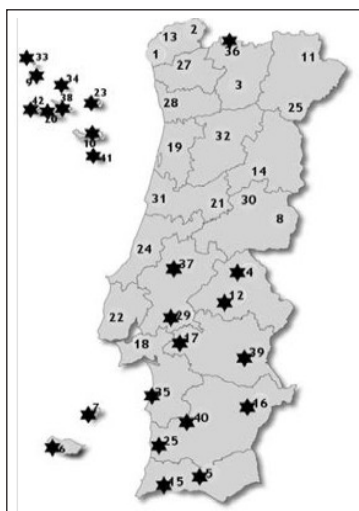
estar aspetual + gerúndio (Carrilho e Pereira 2011), possessivo pré-nominal sem artigo (Carrilho e Pereira 2011) e gerúndio flexionado (Lobo 2008). Apresento a distribuição geográfica de cada um desses fenómenos (mapas 1-5).



Mapa 1. *a gente* + V3PL
(adaptado de Pereira 2003)



Mapa 2. *ter* existencial
(adaptado de Carrilho e Pereira 2011)



Mapa 3. *estar* + gerúndio
(Carrilho e Pereira 2011)



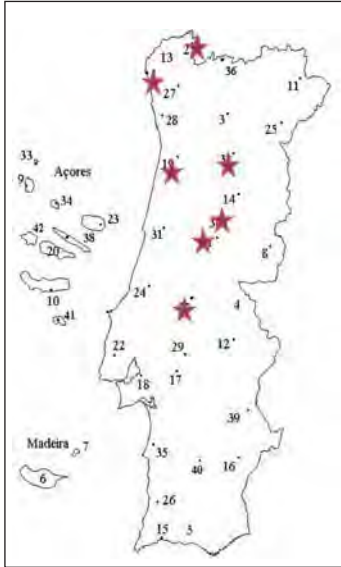
Mapa 4. Possessivo pré-nominal
sem artigo
(Carrilho e Pereira 2011)



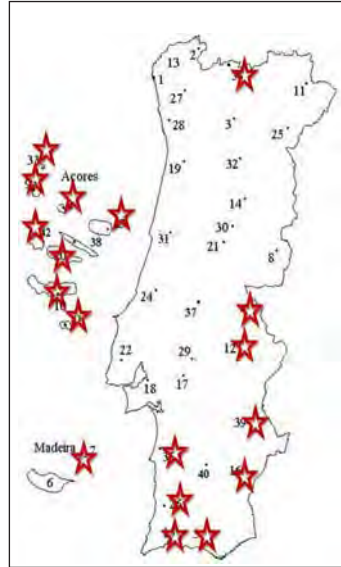
Mapa 5. Gerúndio flexionado (Lobo 2008)

Na linha do que as investigações anteriores começaram a revelar, a observação dos dados dialetais disponíveis no CORDIAL permitiu-me identificar outras construções não-padrão cuja distribuição geográfica se confina a determinadas regiões, sugerindo a existência de novas áreas sintáticas em Portugal. Os mapas que apresento abaixo dizem respeito à distribuição espacial de alguns dos fenómenos que revelaram áreas bastante coesas: (i) comparativas com *cal/come* e locativos com *onda*; (ii) gerúndios predicativos, (iii) *estar* existencial; (iv) *tanto* seguido de adjetivos e advérbios; (v) ausência de concordância verbal em número em construções com *ser*, com pronomes quantificacionais e nomes coletivos (vi) clivadas nulas coordenadas com *é que* inicial (mapas 6-11).

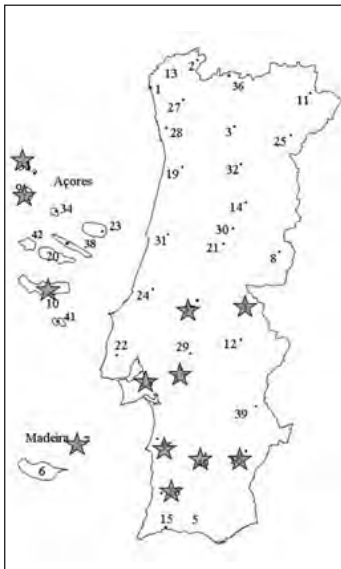
Explico em seguida mais detalhadamente vários destes fenómenos. O que agora saliento relativamente às estruturas apontadas é a distribuição geográfica circunscrita que, na generalidade, se pode perceber, o que permite isolar áreas específicas.



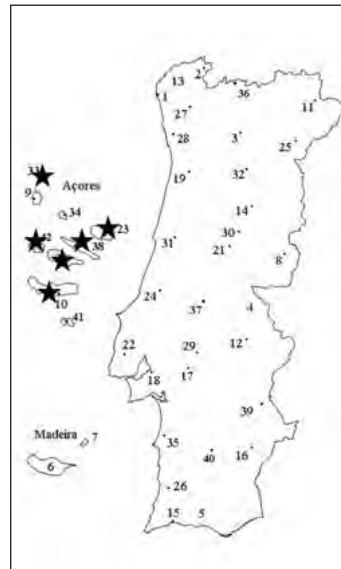
Mapa 6. Comparativas com *ca/coma* e locativas com *onda*



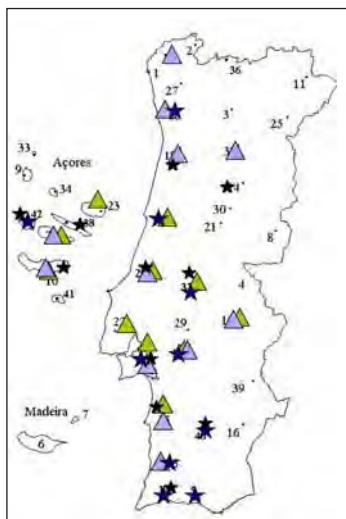
Mapa 7. Gerúndios predicativos



Mapa 8. *estar* existencial



Mapa 9. *tanto* + adjetivos/advérbios



Mapa 10. Fenómenos de ausência de concordância verbal em número



Mapa 11. Clivadas coordenadas com é que

4. CONSTRUÇÕES NÃO-PADRÃO NA FRONTEIRA COM A GALIZA

Nas próximas secções deste trabalho apresento um conjunto específico de estruturas não-padrão identificadas, que têm em comum o facto de terem sido registadas junto à fronteira com a Galiza. O objetivo é, por um lado, caracterizar essas estruturas e, por outro lado, tentar perceber se há algum tipo de relação com dados do galego, de modo a perceber também que conclusões se podem tecer em termos de distribuição geográfica.

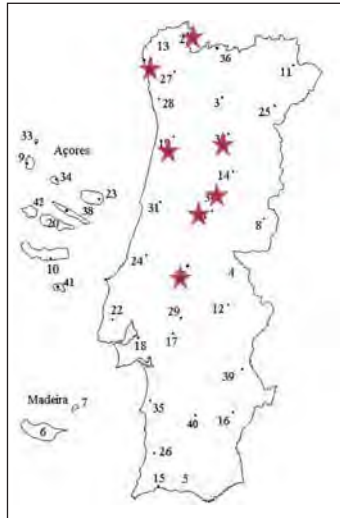
4.1. Comparativas com *ca / coma* e locativos com *onda*

No português europeu padrão, estruturas comparativas como as apresentadas em (1)-(3) ocorrem com os conectores *como* ou *(do) que* e atribuem, invariavelmente, caso nominativo ao segundo elemento da comparação:

- (1) Sou mais alta *do que tu*.
- (2) Comeste menos *do que o João*.
- (3) Eu já viajei tanto *como ela*.

Os dados do CORDIAL mostram, contudo, que em alguns dialetos portugueses o mesmo tipo de construções apresenta características diferentes. O constituinte à direita do conector comparativo ocorre numa forma que é, aparentemente, oblíqua (como é o caso de *mim*, dos exemplos 4 e 5). No que diz respeito aos conectores comparativos, os dados orais permitem identificar uma situação também diferente, decorrente do que, à primeira vista, parece ser a inserção da preposição *a* imediatamente depois do conector. O Mapa 12 ilustra a distribuição geográfica deste fenómeno.

- (4) A minha irmã era mais velha *que a mim*.
 (5) [...] não havia cá quem governasse milho *como a mim*.



Mapa 12. Comparativas com *que a* e *como a*

As localidades que evidenciaram as construções em análise são geograficamente bastante próximas, e duas delas encontram-se muito perto da fronteira com a Galiza, facto que pode sugerir uma relação com o galego. Na realidade, se observarmos exemplos de estruturas similares dessa língua constatamos que há um forte paralelismo estrutural com os dados dialetais do português. Observem-se os exemplos (6) e (7), tirados de Álvarez e Xove 2002.

(6) Ninguén chega ó traballo antes *ca min*.

(7) Non hai outro máis solícito *ca ti*.

Confrontando as estruturas galegas com as portuguesas, há um primeiro aspeto a notar relativamente aos dados do CORDIAL, que se prende com o conetor comparativo.

Na verdade, se tivermos em conta a produção fonética associada a estas estruturas do português⁵ – e se considerarmos que a diferenciação entre *que* e *a*, sugerida pela transcrição ortográfica, pode não refletir exatamente aquilo que é produzido oralmente – somos levados a considerar a hipótese de estarmos, tal como no galego, perante os conectores *ca* e *coma*, em vez de *que a* e *como a*. Nesse caso, teríamos em português uma estrutura como (8), bastante próxima, como se vê, da construção galega apresentada em (9).

(8) A minha irmã era mais velha *ca mim*.

(9) Ninguén chega ó traballo antes *ca min*.

Outros aspetos evidenciam o paralelismo entre ambas as estruturas. Relativamente às construções galegas, está descrita na literatura a distinção entre *(de) que* e *ca* e *como* e *coma*, sendo notado por vários autores que é o contexto sintático que dita a escolha entre cada uma das possibilidades⁶.

Álvarez e Xove (2002) referem que a ocorrência de «que» ou de «ca» é condicionada pela natureza do sintagma seguinte. Afirmam que *que* é a forma mais restritiva e apenas pode ocorrer em contextos específicos, sendo *ca* a forma possível em todos os casos.

Por outro lado, é comum encontrar descrições que notam a menor frequência de *ca* antes de verbos conjugados. Distinguir claramente os contextos de ocorrência de cada forma tem sido tarefa difícil na literatura e nem sempre as descrições encontradas refletem o verdadeiro uso da língua⁷. Apesar disso, é relevante notar que esta ideia de que os conectores apresentam restrições de ocorrência é visível também em português.

Os exemplos encontrados no CORDIAL com *ca* dizem respeito a casos em que o segundo elemento da comparação é um SN ou um pronome pessoal.

⁵ *Que a* produz-se [kɐ] e *como a* [kumɐ].

⁶ Cf., entre outros, Santamarina (1974), Álvarez e Xove (2002) e Pérez Fernández (2012).

⁷ Cf. Álvarez Pérez, comunicação pessoal.

A ocorrência de adjetivos ou advérbios (possíveis no galego, 10), por exemplo, não está atestada no CORDIAL (11) nem me parece (segundo os meus juízos de falante nativa de um dialeto onde existe a construção) possível.

(10) Sabe moito mellor fría *ca quente*. [Álvarez e Xove 2002]

(11) *Sabe muito melhor fria *ca quente*.

O mesmo se passa relativamente a ocorrências com verbos: no CORDIAL não foram encontradas ocorrências de *ca* com estes constituintes e, segundo os meus juízos, a coocorrência dos dois elementos produz resultados agramaticais. Também no galego as ocorrências com verbos parecem ser (pelo menos as ocorrências com verbos conjugados) menos frequentes com *ca* e mais naturais com (*do*) *que*. Nos exemplos abaixo ilustram-se essas situações: a maior naturalidade, no galego, de *do que* com verbos conjugados (12) e a agramaticalidade de *ca* seguido de verbo no português dialetal (13).

(12) Creo que xoga máis *do que estudia*. [Álvarez e Xove 2002]

(13) *Creio que joga mais *ca estuda*.

Poderá portanto ser o caso de o *ca* português ser mais restritivo do que o *ca* galego, mas tratar-se, ainda assim, de estruturas com a mesma origem.

Esta proximidade entre as estruturas galegas e portuguesas leva a acreditar que se trata de um caso de continuidade linguística entre as duas áreas, podendo assim concluir-se que há relativamente a estas construções um território linguístico que a fronteira política não quebrou.

Na realidade, uma análise da evolução diacrónica dos étimos latinos *quam* e *quia* permite explicar estes paralelismos. Vários autores defendem a ideia de que *ca* representa uma etapa intermédia na evolução de *quam* e *quia* latinos, que terão primeiro evoluído para *ca* e só depois para *que* (é o que defendem, por exemplo, Corominas e Pascual 1980-1991, *apud* Cambrón 1998⁸). Estes autores

⁸ Meyer Lübke (*apud* Cambrón 1998) defende que *que* não substitui *ca* de forma direta. Segundo o autor, numa primeira fase *que* substitui *ca* em «codas clausales com verbo expresso», estendendo-se, numa segunda fase, a outros contextos. Cambrón (1998) contesta esta ideia, alegando que, nesse caso, «sería de esperar encontrar lenguas que reflejaran una etapa intermedia en el avance de *que*: lenguas que tuvieran *que* en la construcion conjuntiva con coda clausal y verbo expresso y *ca* si esta no presenta verbo». Por um lado, a descrição encontrada para as estruturas do galego relativamente à preferência de *que* seguido de verbo conjugado não deixa de ser relevante, já que pode evidenciar precisamente que *ca* se associa a

dão inclusivamente o exemplo do leonês e do galego-português para evidenciar a existência dessa fase intermédia da evolução. Os dados do português dialetal aqui apresentados, ao tornarem claros os paralelismos com o galego, reforçam essa ideia e põem em evidência o passado comum das duas línguas, fazendo crer que as estruturas em análise derivam do latim vulgar.

Uma situação semelhante parece ocorrer com estruturas locativas do tipo de (14) e (15), também identificadas no CORDIAL e inexistentes no português padrão⁹, mas muito próximas da estrutura galega de (16).

(14) Somos amigas dele e ele mandou-nos *onde a ti*.

(15) Aquelas só anda *onde ao gado*.

(16) «*onda ti*, lonxe do mundo/tan feliz me acobechara». [*Cantares Gallegos*, Rosalía de Castro]

Tal como foi proposto para os conetores comparativos, também aqui sugiro que pode tratar-se da forma *onda*, similar à galega, e não *onde*. De qualquer modo, o que importa notar é que, a julgar pelo paralelismo entre as construções e pela distribuição geográfica das mesmas, estaremos mais uma vez diante de estruturas semelhantes, associadas a uma área geográfica que isola novamente o norte de Portugal e a Galiza¹⁰.

4.2. Construções meteorológicas com *ir* impessoal

O português dialetal apresenta outra construção não descrita para o português padrão: construções meteorológicas em que se emprega o verbo *ir* com um valor impessoal, como exemplificado em (17). Estruturas deste tipo ocorrem, no padrão, com o verbo *estar* (18).

contextos sem verbo. Por outro lado, o facto de também o português dialetal parecer mostrar restrições nesse sentido (as ocorrências de *ca* seguido de verbo, inexistentes no *corpus*, parecem, segundo os meus juízos, muito marginais), também podem ser um argumento a favor da ideia de que português e galego representam essa fase intermédia de evolução das estruturas.

⁹ Estas construções não alternam com nenhuma construção específica do português padrão. Uma estrutura alternativa seria, por exemplo, uma construção com *até*, do tipo «Somos amigas dele e ele mandou-nos *até ti*».

¹⁰ Também neste caso é possível que estejamos perante estruturas derivadas do latim. Concretamente, das estruturas locativas latinas com *unde* + *a>ad* (+ caso dativo).

(17) Mas se ele *ia* tanto calor, tanto calor, [...]

(18) *Estava* tanto calor...



Mapa 13. Locativas com *onda*

A distribuição geográfica de estruturas do tipo de (17) sugere, também neste caso, uma possível relação com a Galiza, como se percebe no mapa 14¹¹. E, efetivamente, verifica-se que o galego apresenta estruturas muito semelhantes; veja-se o exemplo (19), de Carballo Calero (1979).

(19) *Vai* moito frío. / Qué frío *vai!*

É pertinente notar que além da construção impessoal exemplificada em (17), foram também encontradas no corpus outras ocorrências do verbo *ir* inexistentes no padrão. É o caso de *ir* como auxiliar de passivas, como exemplificado em (20¹²).

(20) Depois de ela estar preta, em outubro, *vai apanhada*.

¹¹ Convém notar que não foi encontrado um número muito significativo destas construções. Assim, a distribuição geográfica apresentada apenas fornece uma primeira visão dos dados. Seria importante reunir mais dados, provenientes de outras fontes, de forma a verificar se a área obtida é coincidente e/ou que outra configuração poderia tomar considerando mais exemplos.

¹² No português padrão, uma passiva deste tipo seria construída com o auxiliar *ser*: «[...] em outubro, é apanhado».



Mapa 14. *ir* em construções meteorológicas

Ainda que estes casos, em que *ir* ocorre com valor estativo, tenham sido identificados num ponto do centro/sul de Portugal, afastado, portanto, da fronteira com a Galiza, não deixa de ser pertinente notar que também no galego se encontram exemplos de *ir* com valor estativo (Carballo Calero 1979).

(21) O meu pai *vai* na Habana.

(22) O meu homiño perdeu-se, ninguén sabe nónde *vai*.

O que estes dados parecem sugerir é que em variedades dialetais do português, assim como no galego, encontramos usos específicos de *ir*, associados a valores impessoais e estativos, que se encontram indisponíveis no português padrão. O facto de esses usos estarem atestados no português dialetal e no galego pode sugerir que se trata de usos característicos de fases mais antigas da língua e que, entretanto, se terão perdido.

Alguns trabalhos que documentam valores estativos e impessoais associados a verbos de movimento de várias línguas sustentam esta ideia. A título de exemplo, veja-se como estão atestados usos impessoais de verbos de movimento no inglês antigo (Ogura 2002) e como estão registados, também, valores estativos e existenciais associados ao verbo *vinden* no alto alemão médio

(Pfenninger 2009). Está também descrita a possibilidade de os verbos de movimento ocorrerem como auxiliares em passivas em várias línguas do mundo (Siewierska 1984, i.a.).

É impossível, nestas páginas, trabalhar adequadamente este assunto e procurar eventuais relações entre o português e o galego relativamente aos usos dos verbos de movimento. No que toca, no entanto, à ocorrência de *ir* nas construções meteorológicas, comum às duas línguas, a distribuição geográfica permite considerar a hipótese de que se trata de mais um caso de continuidade linguística, a evidenciar novamente as raízes comuns do galego e do português.

4.3. Estruturas partitivas

Observemos os exemplos (23) e (24), que ilustram outra estrutura não-padrão identificada no CORDIAL.

(23) Ai Jesus, *que de* peixe havia!

(24) Ai, *que de* sardinha, meu Deus!

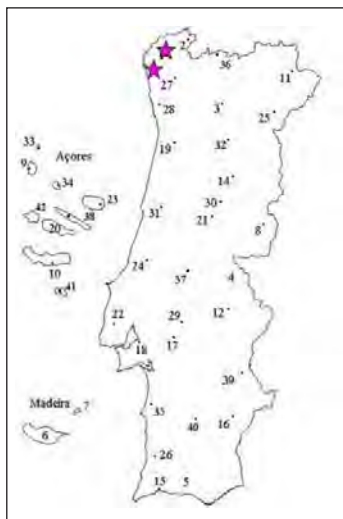
Trata-se de estruturas partitivas identificadas novamente no norte de Portugal, nos pontos assinalados no mapa 15.

Mais uma vez, a proximidade com a Galiza é evidente e, mais uma vez, encontramos construções similares no galego (e, neste caso, também no espanhol):

(25) «*Qué de* rapazas! Que delas!» [Carballo Calero 1979]

(26) «*Qué de* criminales han sido arrestados!» [González Rodríguez 2008]

A análise existente para estas construções no espanhol trata estes casos como estruturas exclamativas quantitativas (Sánchez López 1999), atribuindo a *que* o estatuto de pronome exclamativo, com um valor de quantificador quantitativo.



Mapa 15. Estruturas partitivas com *que de*

Parece ser possível afirmar que também em português estas construções estão associadas a um traço [+exclamativo]. É isso que sugerem os dados do *corpus*, já que todos os contextos identificados são exclamativos¹³.

Etimologicamente, tratar-se-á novamente de estruturas derivadas do latim. Não sendo pouca a bibliografia existente relativamente às construções partitivas e à sua evolução diacrónica, a que trata deste tipo particular de estrutura é consideravelmente escassa, uma vez que os trabalhos se centram maioritariamente no genitivo partitivo latino.

De qualquer das formas, e sem a pretensão de abordar este tema com mais rigor, os dados aqui apresentados permitem perceber algumas similaridades interessantes e identificar uma distribuição geográfica novamente confinada à área fronteiriça, evidenciando mais uma área sintática comum.

4.4. Gerúndios

Trabalhos anteriores sobre variação sintática em PE sugeriram já que construções não-padrão envolvendo gerúndios se mostram características de regiões específi-

¹³ É isso que sugerem, também, os meus juízos de falante nativa da região onde se identificam estas estruturas, uma vez que tendo a rejeitar os contextos que não sejam exclamativos.

cas do país. Uma das construções com gerúndio que mais claramente isola uma área dialetal precisa é a construção de gerúndio flexionado (27), que Lobo (2008) associa ao sul do território português e a algumas ilhas dos Açores, como ilustra o mapa 16.

(27) E *tendem* uma árvore, não há pássaro nenhum que poise no chão.

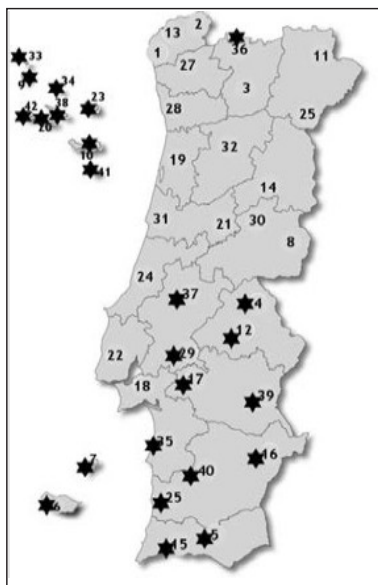


Mapa 16. Gerúndios flexionados

Também a construção perifrástica de *estar* aspetual seguido de gerúndio (28), estudada por Carrilho e Pereira (2011), ocorre em pontos particulares do território português como alternativa à construção *estar+a+infinitivo*, produtiva no padrão (29). O mapa 17 mostra a área que as autoras identificaram para estas estruturas.

(28) Essa pessoa *estava varrendo, limpando*.

(29) Essa pessoa *estava a varrer, a limpar*.



Mapa 17. *estar* aspetual+gerúndio

Os dados dialetais reunidos no CORDIAL permitem identificar outras construções não-padrão com gerúndio associadas a distribuições geográficas muito específicas. Em Pereira (em preparação 2013), mostro a existência de gerúndios adverbiais de valor temporal encontradas apenas no sul do país, em pontos que podem ser considerados uma subárea da área identificada por Lobo (2008) para os gerúndios flexionados ou da identificada por Carrilho e Pereira (2011) para *estar*+gerúndio. Outra construção que foi possível identificar diz respeito a gerúndios predicativos do tipo de (30) e (31), que tal como acontecia com *estar*+gerúndio alternam, no padrão, com a construção *a*+infinitivo (32 e 33).

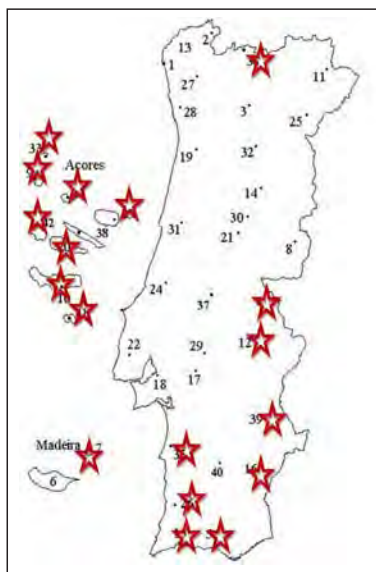
(30) E depois abalavam por essas aldeias *cantando* e *dançando* e davam-lhe dinheiro.

(31) Metia-se a água *fervendo* na murta.

(32) E depois abalavam por essas aldeias *a cantar* e *a dançar* e davam-lhe dinheiro.

(33) Metia-se a água *a ferver* na murta.

As ocorrências de gerúndios predicativos concentram-se, uma vez mais, no sul e nas ilhas, mostrando ainda, similarmente ao que se verifica no mapa de *estar* aspetual seguido de gerúndio, um ponto junto à fronteira com a Galiza (mapa 18).



Mapa 18. Gerúndios predicativos

O facto de se terem identificado ocorrências de gerúndios predicativos e de *estar* seguido de gerúndio nesse ponto isolado junto à fronteira com a Galiza, numa área do território português que se caracteriza por apresentar a variante *a*+infinitivo, leva a acreditar que esse ponto corresponde a uma extensão da área do galego, já que tanto em galego como espanhol existe o tipo de construção em análise:

(34) Los niños de María lloran haciendo pucheros. [cf. Fernández Lagunilla 1999]

(35) Está na sala xogando ás cartas. [Álvarez e Xove 2002]

Tendo em conta que, segundo se sabe, os gerúndios perifrásticos são «factos conservadores da morfossintaxe», e as «construções com *a*+infinitivo, como alternativa ao gerúndio, são inovações linguística dos dialectos do norte» (Cunha 1986), a explicação que se afigura como mais viável para a explicação das ocorrências de gerúndios nesse ponto é efetivamente a de que se trata de uma extensão da área do galego.

4.5. Clivadas nulas coordenadas com *é que* inicial

Vejamos uma última construção não-padrão identificada numa área relativamente extensa do norte de Portugal que inclui localidades junto à fronteira com a Galiza.

(36) Depois está uns dias *e é que* é picadinha, *e é que* se enchem as linguças.

A construção acima representa um tipo particular de clivada iniciada por uma coordenação, a que se segue um constituinte clivado nulo seguido de *é que*, numa estrutura como a seguinte¹⁴.

(37) [*e* + constituinte clivado nulo + *é que*]

O mapa 19 ilustra a distribuição geográfica destas estruturas.



Mapa 19. Clivadas coordenadas com *é que*

Tanto quanto foi possível apurar, não se encontram exemplos de estruturas similares nem em galego nem em espanhol, ainda que a distribuição geográfica o pudesse sugerir, se considerarmos as ocorrências que se encontram em todo o norte de Portugal em áreas contíguas a toda a linha da fronteira com a Galiza.

¹⁴ Sobre estruturas clivadas com *é que* nas variedades não-padrão do português, ver Vercauteren (2010).

No entanto, também a julgar pela distribuição geográfica mas considerando, também, os estudos diacrônicos existentes sobre construções clivadas em português, é possível fazer outro tipo de leitura. Defende-se em vários trabalhos (Longhin 1999, Kato e Ribeiro 2009) a ideia de que vários tipos de clivadas não existiam em fases mais antigas do Português nem existem noutras línguas românicas. A ausência destas estruturas em galego, espanhol e nos restantes dialetos portugueses pode, portanto, indicar que se trata de mais um caso de inovação dos dialetos do noroeste/oeste e açorianos. Essas inovações não se terão expandido nem aos pontos mais a sul de Portugal nem a localidades espanholas, funcionando neste caso a fronteira política entre Portugal e a Galiza como barreira à continuidade linguística.

5. PORTUGAL E GALIZA: ÁREAS SINTÁTICAS?

A perspetiva geolinguística seguida na apresentação destes dados do português não-padrão, e o confronto com dados do galego, permite extrair algumas conclusões sobre as relações existentes entre dialetos portugueses e galegos.

Parece possível concluir que existe uma grande área sintática formada por dialetos portugueses e galegos no que diz respeito às seguintes construções: i) comparativas com *ca* e *coma*; ii) construções locativas com *onda*; (iii) construções meteorológicas com *ir* impessoal e (iv) construções partitivas. Trata-se de construções atestadas no galego e que ocorrem, no CORDIAL, em pontos do norte do território português. Considerando-as em conjunto, é possível isolar uma área geográfica como a apresentada no mapa 20¹⁵.

Por outro lado, verifica-se descontinuidade linguística entre o território português e o galego em dois tipos de estruturas. Um dos exemplos são as construções com gerúndios. O gerúndio flexionado, por exemplo, existente em galego, é produtivo em Portugal apenas nos territórios do sul e em dialetos dos Açores. Os gerúndios predicativos e a construção *estar* aspetual+gerúndio, estruturas também existentes no galego, são novamente identificadas no sul de Portugal e nas ilhas, tendo-se no entanto nestes casos registado ocorrências num ponto isolado junto à fronteira com a Galiza.

¹⁵ A área galega sinalizada não reflete a distribuição geográfica de nenhum conjunto de dados; para os efeitos deste trabalho, assumo que as construções em análise são características da generalidade do território galego.

A segunda situação que revela descontinuidade diz respeito às construções clivadas apresentadas atrás. Neste caso, trata-se de uma construção inexistente, tanto quanto pude apurar, quer em galego quer em espanhol, numa área que cobre o norte/noroeste português e pontos dos Açores.

Quer consideremos a distribuição dos gerúndios ou das clivadas, o que se percebe é que, em qualquer dos casos, é a área formada pelos dialetos mais a norte de Portugal que quebra a continuidade linguística: no primeiro caso porque o norte não manifesta as construções com gerúndio características do sul e das ilhas (tendo, ao que tudo indica, introduzido a inovação *a+*infinito como alternativa); no segundo caso porque apresenta estruturas clivadas inexistentes nas restantes áreas, estruturas essas que parecem ser, uma vez mais, uma inovação dos dialetos do norte. É precisamente isso que ilustram os mapas 21 e 22.

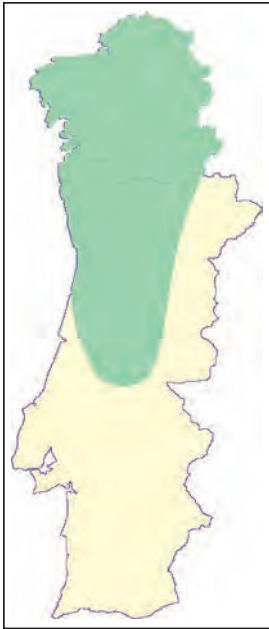
6. CONCLUSÃO

Os aspetos de variação sintática explorados neste trabalho mostraram, por um lado, ser possível isolar áreas sintáticas em Portugal, uma vez que várias estruturas não-padrão do português exibem, como se mostrou, uma distribuição geográfica circunscrita a regiões específicas.

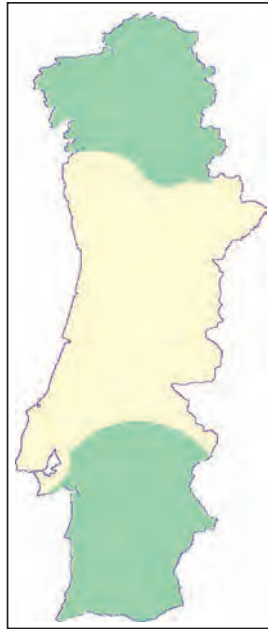
Algumas das áreas identificadas, por se situarem junto à fronteira com a Galiza, sugerem uma possível relação com o galego, e foi sobretudo essa relação que pretendi explorar. Nesse sentido, percebeu-se que para grande parte das estruturas não-padrão identificadas junto à fronteira foi possível encontrar estruturas similares em galego. Foi o que aconteceu com i) comparativas com *ca* e *coma*; ii) construções locativas com *onda*; (iii) construções meteorológicas com *ir* impessoal e (iv) construções partitivas. Verificou-se a existência, para estes casos, de uma área sintática que se estende da Galiza ao norte de Portugal, cobrindo, no território português, sobretudo pontos junto à fronteira que nalguns casos se estendem um pouco mais para sul.

A análise dos dados mostrou ainda outras duas situações: (i) a existência de construções clivadas exclusivas dos dialetos dos Açores e do norte/noroeste de Portugal, que neste caso não ultrapassam a linha da fronteira; (ii) a existência de um ponto isolado no norte português que manifesta construções com gerúndio características do sul (e do galego e do espanhol), sendo legítimo postular que esse ponto representa uma extensão da área do galego.

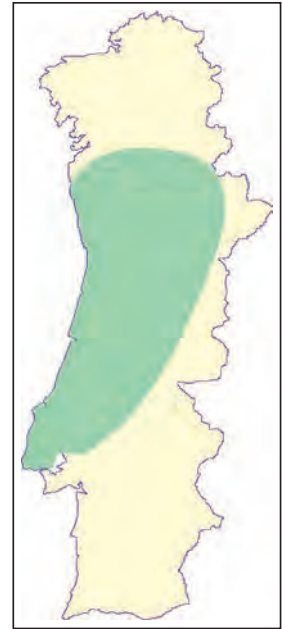
A maioria dos dados evidencia, portanto, um forte paralelismo entre estruturas do galego e do português dialetal, e torna clara a existência de áreas sintáticas galego-portuguesas. Tendo em conta o passado comum das duas línguas, a conclusão não é surpreendente. Mas é uma conclusão que contribui, creio, para os avanços nos estudos de dialetologia e para um maior conhecimento da sintaxe, quer do português, quer do galego.



Mapa 20. Área sintática contínua



Mapa 21. Área descontínua: gerúndios



Mapa 22. Área descontínua: clivadas

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁLVAREZ, Rosario / Xosé XOVE (2002): *Gramática da lingua galega*. Vigo: Galaxia.
- BARBIERS, Sjef / Hans. J. BENNIS (2007): «The syntactic atlas of the Dutch dialects: A discussion of choices in the SAND-project», *Nordlyd* 34, 53-72.
- BARBIERS, Sjef (2008): «Locus and limits of syntactic microvariation», *Lingua* 199, 1607-1623.
- CAMBRÓN, Ángeles R. (1998): *Historia sintáctica de las construcciones comparativas de desigualdad*. Cuenca: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- CARBALLO CALERO, Ricardo (1979): *Gramática elemental del gallego común*. 7ª edición. Vigo: Galaxia.

- CARRILHO, Ernestina / Sandra PEREIRA (2011): «Sobre a distribuição geográfica de construções sintáticas não-padrão em português europeu», *Actas do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL, 2011, 125-139.
- CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (A. M. Martins, coord.) Disponível em linha: <http://www.clul.ul.pt/en/research-teams/212-cordial-sin-syntax-oriented-corpus-of-portuguese-dialects>.
- CORNIPS, Leonie / Cecilia POLETO (2005): «On standardizing syntactic elicitation techniques (part 1)», *Lingua* 115, 939-957.
- CUNHA, Celso (1986): «Conservação e inovação no português do Brasil», *O Eixo e a Roda* 5, 199-230.
- EDISYN – *European Dialect Syntax Project* (S. Barbiers, coord.). Disponível em linha: <http://www.dialectsyntax.org/index.php/project-description-edisyn-mainmenu-50>.
- FERNÁNDEZ LAGUNILLA, Marina (1999): «Las construcciones de gerundio», en Ignacio BOSQUE / Violeta DEMONTE (eds.), *Gramática descriptiva del español*. II. Madrid: Real Academia Española / Espasa Calpe, 3443-3503.
- KATO, Mary / Ilza RIBEIRO (2004): «A evolução das estruturas clivadas no português: período V2», *VI PHPB*. Ilha de Itaparica, Bahia.
- LOBO, Maria (2008): «Variação morfo-sintáctica em dialectos do português europeu: o gerúndio flexionado», *Diacrítica* 22 (1), 25-55.
- LONGHIN, Sanderléia Roberta (1999): *As construções clivadas: uma abordagem diacrônica*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas.
- OGURA, Michiko (2002): *Verbs of motion in Medieval English*. Japan: Chiba University.
- PEREIRA, Sandra (2003): *Gramática comparada de a gente – variação no português europeu*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PEREIRA, Sílvia A. (2013): «A sintaxe na classificação dos dialetos portugueses», *XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra, 23-25 de outubro.
- PEREIRA, Sílvia A. (em preparação): *Áreas sintáticas no território português*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PÉREZ FERNÁNDEZ, José Manuel (2005): «Os indicadores *ca* e *coma* na comparación en galego», *Cadernos de Lingua* 34, 65-92.
- PFEENINGER, Simone (2009): *Grammaticalization paths of English and High German existential constructions: a corpus-based study*. New York: Peter Lang.
- SANTAMARINA, Antón (1974): «Contribución pra un estudio das partículas comparativas *que = ca* e *como = coma* em galego», *Verba. Anuario Gallego de Filología* 1, 16-30.
- SÁNCHEZ LÓPEZ, Cristina (1999): «Los cuantificadores I. Sus clases, las estructuras cuantificativas», en Ignacio BOSQUE / Violeta DEMONTE (eds.), *Gramática descriptiva del español*. I. Madrid: Real Academia Española / Espasa Calpe, 1025-1128.
- SIEWIERSKA, Anna (1984): *The passive: A comparative linguistic analysis*. London: Routledge.
- VERCAUTEREN, Aleksandra (2010): *Como é que é com o é que? Análise de estruturas com é que em variedades não standard do Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. FCSH.